

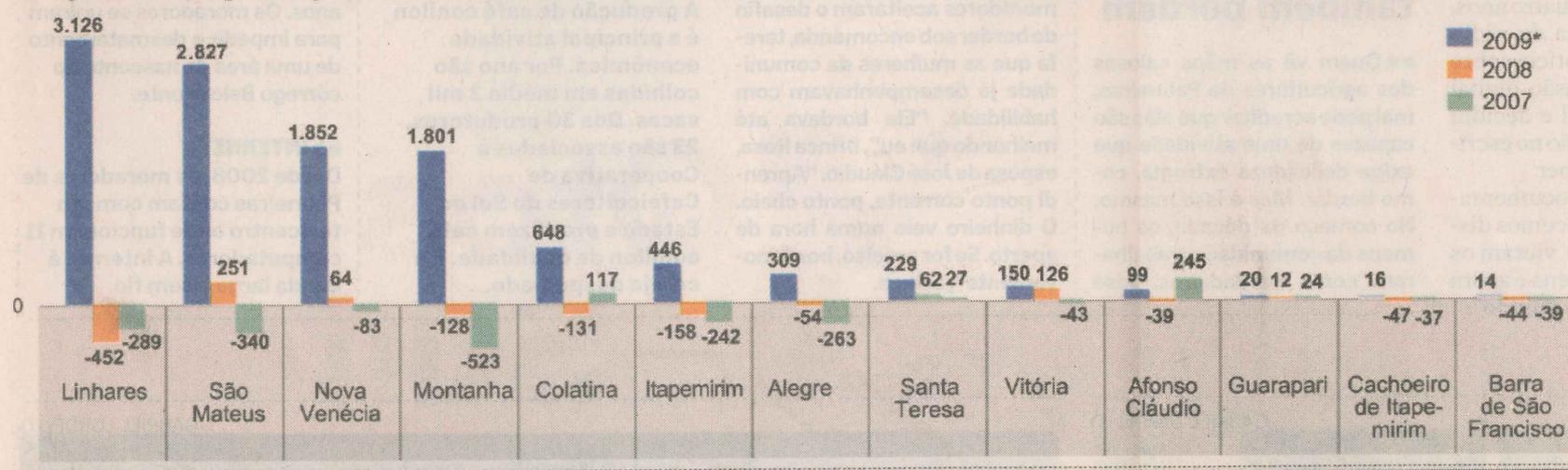
# CHANCE DE TRABALHO CRESCCE NA ZONA RURAL

Campo vivencia o aumento da formalização e da qualidade do emprego

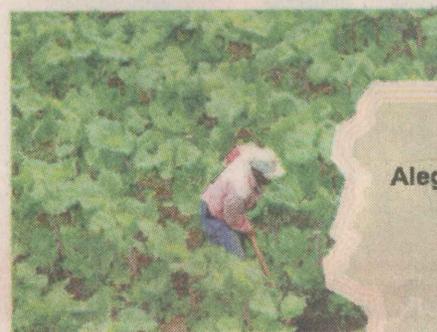
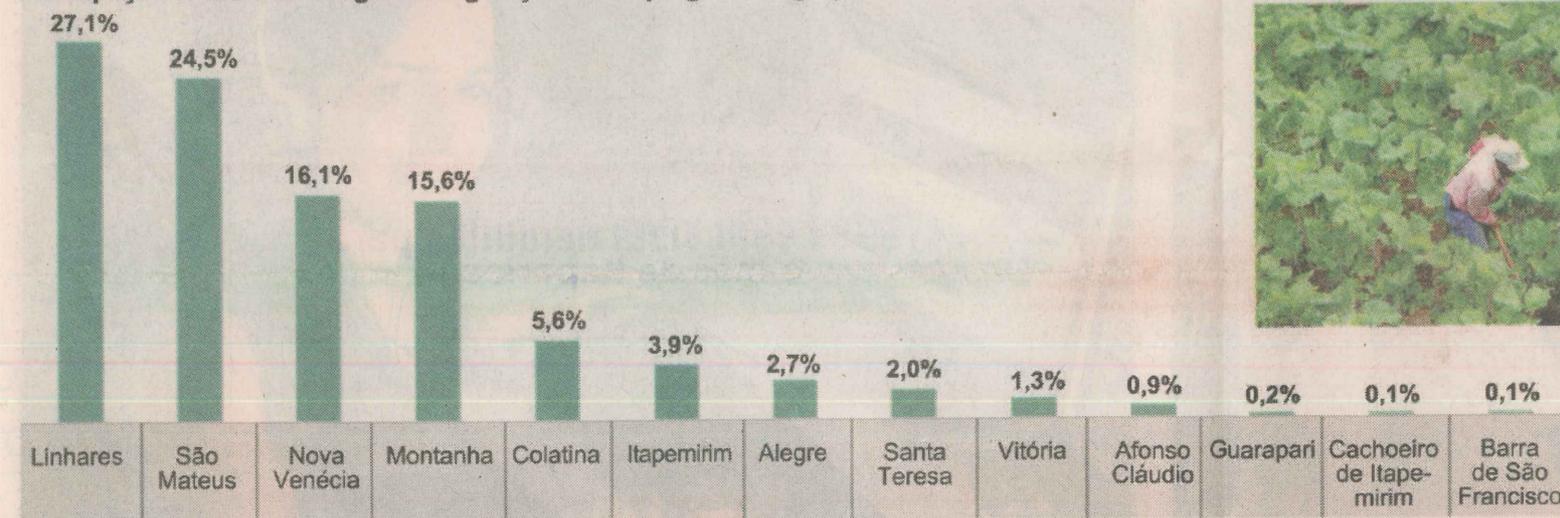
## Bom momento

O número de vagas geradas no campo só aumenta, assim como a qualidade do trabalho oferecido

Geração de Emprego na Agropecuária - 2007-2009\*



Participação % das microrregiões na geração de empregos na agropecuária - 2009 (até maio)



\* Dados até maio  
Fonte: IBGE/Instituto Jones

■ ■ Todos os segmentos produtivos vêm sentindo, desde o ano passado, os impactos da crise financeira global. No Espírito Santo, entretanto, o setor de agropecuária, mesmo com a crise, tem sido, nos últimos meses, o alavancador das contratações nos empregos formais. A colheita de café conilon e arábica e o início do corte da cana puxaram as contratações.

No mês de maio, por exemplo, foram contratados 9.368 trabalhadores na agropecuária. Ou seja, dos 10.061 empregos gerados no Estado, naquele mês, 9.368 foram na agricultura.

“Em maio, não teve crise no mercado de trabalho no Es-

tado”, atesta a presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, Ana Paula Vescovi.

Na agricultura, como em outros segmentos da economia, é registrada a sazonalidade dos empregos. O salto positivo do emprego é atribuído à colheita do café conilon, que teve o pico de contratação no mês de maio. De

acordo com o calendário do IBGE, o período de colheita do conilon vai de maio a agosto, e dispensas naturais são esperadas para os próximos meses.

Para se ter a dimensão real da força do agronegócio no mercado de trabalho, basta lembrar que nos primeiros cinco meses deste ano, mesmo em período de crise, as contratações superaram as dos dois últimos anos. A região de Linhares registrou 3.126 admissões neste ano, contra saldo negativo em 2008 e 2007.

Em São Mateus, nos cinco meses de 2009 foram registradas 2.827 contratações contra 251 em todo o ano

de 2008. O mesmo ocorreu em Nova Venécia, com 1.852 contratações contra 64 em 2008.

#### MOTIVAÇÃO

Para Ana Paula, os números revelam a “melhoria da qualidade na composição do mercado de trabalho”. Segundo ela, a hipótese que se mantém de pé é a formalização do emprego. “A formalização é um fato que está acontecendo, não é uma tendência”, enfatiza.

A tese é sustentada pelo fato de que não houve aumento considerável da área plantada com café e também com de cana-de-açúcar. O que se deduz é que muitos desses trabalhadores, em anos anteriores, estavam trabalhando sem carteira assinada, estavam atuando informalmente na colheita de ca-

fê e no corte de cana.

Os números mostram, ressalta a presidente do Instituto Jones, que “emprego no campo não é subemprego e que no campo tem qualidade de vida”. A formalização dos contratos de trabalho, mesmo para as pessoas que trabalham em atividades temporárias,

significa melhoria da qualidade de vida, explica.

Para o secretário estadual de Agricultura, Ricardo Santos, além da formalização dos empregos no campo, os números indicam, ainda, o vigor da cafeicultura capixaba.

O período de colheita sempre emprega muita gente, mas o que chama a atenção é o trabalho com carteira assinada, enfatiza. A melhoria das condições de trabalho e da qualidade de vida, destaca o secretário, são situações que fortalecem o grande esforço do governo na direção de manter as pessoas no campo. “Desenvolvemos várias ações para que os moradores e trabalhadores do campo tenham condições de melhorar sua atividade e a renda de sua família”.



FOTO: GABRIEL LORDÉLLO